

RECONHECIMENTO E ACESSO LEXICAL DOS *BLENDS* EM PORTUGUÊS EUROPEU E PORTUGUÊS BRASILEIRO*

Rafael Dias Minussi**

 <https://orcid.org/0000-0003-4103-8796>

Alina Maria Santos Mártires Villalva***

 <https://orcid.org/0000-0002-7798-5034>

Como citar este artigo: MINUSSI, R. D.; VILLALVA, A. M. S. M. Reconhecimento e acesso lexical dos *blends* em português europeu e português brasileiro. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 1-14, jan./abr. 2020. DOI 10.5935/1980-6914/eLETD02012839

Submissão: setembro de 2019. **Aceite:** fevereiro de 2020.

Resumo: O objetivo geral desta pesquisa é analisar a estrutura dos *blends*, ou seja, palavras formadas quando há sobreposição de segmentos (e.g., *apertamento*). Para melhor compreensão desse fenômeno, realizamos um experimento *off-line* para avaliar o conhecimento das palavras e um experimento *on-line* de decisão lexical. Os informantes são falantes de português europeu (PE) ou de português brasileiro (PB). Tomamos como principal condição do experimento três tipos de estruturas (i.e., palavra *clip*, *clip* palavra e *clip clip*) e por hipótese preliminar que os *blends* em que uma das palavras é visível seriam processados mais rapidamente. O resultado do teste *on-line*, no entanto, revelou que estruturas do tipo *clip clip*, encontradas em *blends* como *namorido* e *portunhol*, são as mais facilmente processadas.

Palavras-chave: *Blends*. Decisão lexical. Morfologia experimental. Psicolinguística. Processamento.

* Esta pesquisa foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), processo: 2018/26571-8.

** Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Guarulhos, SP, Brasil. E-mail: rafaelminussi@yahoo.com.br

*** Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal. E-mail: alinavillalva@campus.ul.pt

INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

Este trabalho se insere no domínio dos estudos sobre a formação das palavras e também faz parte de um projeto mais amplo que pretende tomar como objeto de estudo dois processos de formação de palavras: 1. o *blending* (e.g., *cantriz* < *cantora* + *atriz* >, *cháfé* < *chá* + *café* >) e 2. a composição (e.g., *cantora-atriz*, *bar-restaurante*). Entre os dois fenômenos, a composição foi amplamente estudada e pode ser definida basicamente pela concatenação de duas bases, radicais ou palavras (cf. VILLALVA; GONÇALVES, 2016). Por sua vez, o *blending*, que também recebe outros nomes, como cruzamento vocabular ou mesclagem lexical, é um processo comumente considerado não concatenativo e por vezes é elencado entre os processos marginais de formação de palavras (cf. GONÇALVES, 2006).

Há, na literatura, análises controversas que justificam o presente estudo, pois ora aproximam os *blends* dos compostos, ora distinguem esses dois tipos de formação. Autores como Kubozono (1989), Sandmann (1990, 1991) e Araújo (2000) consideram o *blending* um processo de formação de palavras semelhante à composição. Sandmann (1991, p. 76), por exemplo, que tratou dos *blends* no português brasileiro (PB), aproxima o *blending* do processo de composição, distinguindo-se do último apenas “porque seus elementos formadores, todos ou ao menos um, sofrem diminuição de seu corpo fônico”. O autor cita ainda algumas características semelhantes entre *blends* e compostos que serão problematizados no decorrer desse amplo projeto de pesquisa:

- (1) a) *blends* são formados por dois elementos com conteúdo semântico;
- b) *blends* combinam as mesmas categorias gramaticais que um composto¹, a fim de formar uma nova palavra (e.g., N+N *ator-diretor* / *prostituta* < *prostituta* + *puta* >, V+V *bate-volta*² / *bebemorar* < *beber* + *comemorar* >, N+A *ano novo* / *gayúcho* < *gay* + *gaúcho* > etc.); e
- c) *blends* permitem as mesmas relações gramaticais expressas nos compostos, por exemplo: subordinação, atribuição e coordenação.

Apesar de algumas semelhanças apontadas entre *blending* e composição, a maioria dos autores assume que o *blending* é resultado de encurtamento, ou seja, o *blend* é um fenômeno motivado pela fonologia (cf. GONÇALVES, 2003a, 2003b, 2006)³. Baseado em Piñeros (2000), Gonçalves (2003a, 2003b) traz um conjunto de argumentos fonológicos para assumir que os *blends* são um caso claro de morfologia não concatenativa. Essa posição baseia-se nas seguintes constatações:

- (2) a) os compostos preservam a ordem linear de seus elementos constituintes, de modo que o segundo constituinte começa exatamente no ponto em que o primeiro elemento termina (e.g., *baba-ovo*), mesmo quando algum segmento é apagado por crase (e.g., *aguardente* < *água* + *ardente*),

1 Os exemplos dados permitem concluir que Sandmann está pensando em compostos morfossintáticos e não compostos morfológicos.

2 Esse composto é utilizado, em português brasileiro, em expressões como “fazer uma viagem *bate-volta*”, “passeio *bate-volta*” ou, simplesmente, “fazer um *bate-volta* Rio-São Paulo”.

3 Minussi e Nóbrega (2014) não concordam com essa afirmação e dão argumentos em favor de uma motivação semântica para os *blends*.

- elisão (e.g., *planalto* < *plano* + *alto*) ou haplologia (e.g., *dedurar* < *dedo* + *duro*)⁴.
- b) os *blends* são caracterizados pela intersecção de bases (e não pelo encadeamento de bases);
 - c) nos *blends*, a sequência linear estrita das bases é frequentemente quebrada pela sobreposição de segmentos, por exemplo: *sacolê* < *saco* + *picolé*.

Diante das controvérsias sobre a formação dos *blends* e sua relação com os compostos e a fim de trazer um novo olhar para a formação desses termos, em uma primeira etapa da pesquisa, a qual trataremos neste artigo, nosso objetivo geral foi discutir como os falantes de português europeu (doravante PE) e português brasileiro (doravante PB) reconhecem os *blends* e como se dá o processamento dos *blends* nessas duas variedades. Desse modo, como objetivo específico, realizamos dois testes. O primeiro foi um teste *off-line* de conhecimento lexical, para saber se os informantes conhecem os *blends* e como os interpretam. Esse teste foi realizado *on-line*, através do aplicativo Google Forms. O segundo foi um teste de decisão lexical simples, para compararmos tempos de reação.

É importante ressaltar que o processamento morfológico em palavras escritas, de modo geral, no português, ainda é um domínio pouco explorado e o processamento de morfologia não concatenativa ainda mais raro.

FORMAÇÃO E DESCRIÇÃO DO CORPUS

Os experimentos foram realizados com base em um *corpus* coletado a partir dos mais variados suportes: textos escritos em jornais, revistas, propagandas, *blogs*, além de dados orais que poderemos ouvir em conversas informais, já que a criação de *blends* tem como uma das finalidades o tom humorístico e jocoso. Na literatura especializada já há inúmeros dados descritos que puderam ser elencados. Para a coleta de dados do PB utilizamos os artigos e teses disponíveis, em especial Andrade (2008). Contudo, o maior desafio diz respeito aos dados do PE. Para a coleta de dados do PE, utilizamos em especial os textos de Pereira (2016) e Rio-Torto (2014), além de informantes e textos de suportes variados.

O *corpus* formado tem 168 (cento e sessenta e oito) *blends*, que foram descritos tendo em mente as possíveis variáveis que poderiam ser utilizadas nos testes *off-line*, de decisão lexical e, posteriormente, de *priming*. Desse modo, descrevemos os *blends* de acordo com as seguintes categorias: 1. posição do núcleo (direita, esquerda e sem núcleo (SN)); 2. relação semântica (segundo a classificação de MINUSSI; NÓBREGA, 2014); 3. classificação (tipo de *blend*, se semântico, fonológico ou morfológico); 4. variedade da língua de origem (PB, PE e PM (português moçambicano, cuja maior fonte é o escritor Mia Couto)); 5. categoria final do *blend*; e 6. categoria das bases.

Após a coleta, realizamos uma descrição fonética para o PE e para o PB de todos os dados. A descrição fonética foi realizada tendo em vista a baixa produtividade da criação de *blends* no PE. Nossa hipótese é de que uma vez que o PE possui menos tipos de vogais átonas, possibilita menos mesclas, ou pontos de

⁴ Como anotado por Minussi e Nóbrega (2014), as assimilações observadas nesses exemplos são diferentes das assimilações vistas em compostos como *olho d'água* e *entra-e-sai* ("entrissai").

interseção entre as duas palavras fonte. Tal fato ficou evidente depois da descrição fonética. Os *blends*, quando pronunciados com a acentuação, divisão silábica e timbre das vogais do PE, não possuem os mesmos pontos de mescla de quando eles são pronunciados seguindo a acentuação e timbre das vogais do PB.

No Quadro 1, podemos observar uma parte do *corpus* com a análise estrutural e a transcrição fonética dos *blends* e das suas bases para o PE e para o PB. Na transcrição fonética, assinalam-se entre parênteses as sequências das bases que não ocorrem nos *blends*. Por outro lado, assinalam-se em azul os segmentos que coincidem em cada sequência de bases, e em vermelho mostram-se os contrastes fonéticos nos *blends* entre o PE e o PB.

A análise permitiu-nos distinguir três grandes tipos de *blends*: o primeiro é o dos *blends* formados por um *clip* e uma palavra (cf. *bótimo*, *maravítóp*, *heliporto*); o segundo é o dos *blends* formados por dois *clips* (cf. *brasiguaió*, *manifestoche*, *burkini*); e o terceiro é o grupo dos *blends* formados por uma palavra e um *clip* (cf. *showmício*, *anãofabeto*, *tristemunho*). Esses três tipos de *blends* podem ainda ser subcategorizados de acordo com a relação gramatical que os constituintes base mantêm entre si. Podemos, assim, distinguir estruturas de coordenação⁵ (cf. *bótimo* = bom e ótimo; *brasiguaió* = brasileiro e paraguaio; *showmício* = show e comício) de estruturas de modificação. Nesse caso, podem ainda contrastar-se as estruturas de núcleo inicial⁶ (cf. *maravítóp* = maravilha que é top; *manifestoche* = manifestante que é um fantoche; *anãofabeto* = anão que é analfabeto) com as estruturas de núcleo final⁷ (cf. *heliporto* = porto de helicópteros; *burkini* = biquíni que parece uma burka; *tristemunho* = testemunho triste).

Procedemos ainda a uma análise fonética que visa caracterizar as condições de junção das duas formas de base. Essa análise não foi explorada, embora seja possível identificar *blends* cujas bases são foneticamente distintas (cf. *bótimo*, *maravítóp*)⁸.

Quadro 1 – Exemplo de transcrição fonética dos *blends*

Blend		PE		PB		
CP	C1+C2	bom + ótimo	[(')b(ô)]	[(')ótimu]	[(')b(ô)]	[(')ótĩmu]
		bótimo	[ˈbɔtĩmu]		[ˈbɔtʃĩmu]	
	N+M	maravilha + top	[mɛrɛ(')vi(λɐ)]	[(')tɔp]	[marɛ(')vi(λɐ)]	[(')tɔp]
		maravítóp	[mɛrɛvi'tɔp]		[maravi'tɔp]	
	M+N	helicóptero + porto	[eli'(kɔptĩru)]	[(')pɔrtu]	[eli'(kɔpĩteru)]	[(')pɔrtu]
		heliporto	[eli'pɔrtu]		[eli'pɔrtu]	

(continua)

5 Essas estruturas são formadas por dois elementos coordenados, adiante identificados como C1 e C2.

6 Essas estruturas são identificadas pela sigla N+M.

7 Essas estruturas são identificadas pela sigla M+N.

8 No quadro, aparecem as seguintes siglas: CP (*clip*, palavra), CC (*clip*, *clip*), PC (palavra, *clip*) e ainda M (modificador), N (núcleo). As estruturas CP, CC e PC serão discutidas mais adiante no artigo.

Quadro 1 – Exemplo de transcrição fonética dos *blends* (conclusão)

		<i>Blend</i>	PE		PB	
CC	C1+C2	brasileiro + paraguaio	[brezi(ˈlejr <u>u</u>)]	[[p(ere)ˈgʷaj <u>u</u>]	[brazi(ˈler <u>u</u>)]	[[paraˈgʷaj <u>u</u>]
		brasiguaio	[breziˈgʷaj <u>u</u>]		[braziˈgʷaj <u>u</u>]	
	N+M	manifestante + fantoche	[meniʃiˈ(têti)]	[[f(ê)ˈtɔʃi]	[manisfes(ˈtêʃi)]	[[f(ê)ˈtɔʃi]
		manifestoche	[meniʃiˈtɔʃi]		[manisfesˈtɔʃi]	
	M+N	burka + biquíni	[(ˈ)bur(ka)]	[(bi)ˈkini]	[ˈbur(ka)]	[(bi)ˈkini]
		burkini	[burˈkini]		[burˈkini]	
PC	C1+C2	show + comício	[(ˈ)ʃew()]	[(ku)ˈmisju]	[(ˈ)ʃow()]	[(ko)ˈmisiu]
		showmício	[ʃewˈmisju]		ʃowˈmisiu	
	N+M	anão + analfabeto	[e(ˈ)nêw()]	[[ena]fêˈbetu]	[a(ˈ)nâw()]	[[anaw] faˈbetu]
		anãofabeto	[enêwˈfêˈbetu]		[anêwˈfaˈbetu]	
	M+N	triste + testemunho	[(ˈ)triʃi()]	[[ti]ʃiˈmuŋu]	[(ˈ)triste()]	[[teste)ˈmuŋo]
		tristemunho	[triʃiˈmuŋu]		[tristeˈmuŋo]	

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na próxima seção, discutiremos o *design* experimental, descrevendo quais foram os dados selecionados e as condições experimentais testadas para cada um dos experimentos.

TESTE DE RECONHECIMENTO LEXICAL

Nesta seção, descreveremos a escolha dos *blends* que fizeram parte do teste *off-line*, além de tratarmos sobre a aplicação do teste e resultados obtidos.

Iniciemos a descrição pela escolha dos *blends*. Em um primeiro momento, tomamos como uma das condições as categorias das bases que formavam o *blend*. O ponto inicial da escolha dos *blends* foi a categoria gramatical das palavras base, pois a literatura que trata dos *blends* sempre viu grande relevância nas categorias que os formavam. Além disso, tínhamos em mente a continuação da pesquisa, que pretende realizar uma comparação entre *blends* e compostos, e, também para os compostos, a literatura especializada faz uma descrição levando em conta a categoria das bases.

Assim, realizamos o teste *off-line* com 56 palavras, que tinham como estrutura N+N, N+A, A+N, A+A e V+V⁹. O objetivo desse teste era saber se os falantes de

9 N (nome), A (Adjetivo) e V (verbo).

PE reconheceriam os *blends* que tinham como origem o PB e se os falantes do PB reconheceriam os *blends* que tinham como origem o PE. A partir desse teste *off-line*, começamos a selecionar para os testes seguintes as palavras que tiveram um melhor resultado. Por exemplo, foi a partir deste teste *off-line* que percebemos que deveríamos retirar as palavras V+V dos demais testes, pois era a categoria que apresentava menos dados.

O teste *off-line* foi realizado em duas etapas. Separamos as palavras a serem testadas em dois grupos: um grupo de 26 palavras e outro grupo de 28 palavras. As palavras foram separadas em dois grupos, para que os informantes não se cansassem. Assim, um grupo de estudantes respondeu ao questionário contendo 26 palavras e outro grupo respondeu ao questionário contendo 28. Entre as palavras selecionadas, algumas foram alvo dos testes de decisão lexical, mas outras não. As palavras que constavam tanto no teste *off-line* quanto no teste de decisão lexical foram as seguintes:

emprestado, bótimo, cansástico, maravitop, analfabroto, franglês,portunhol, brasiguaio, fabulástico, agradádiva, impastor, pilantropia, gayroto, boadrasta, tristemunho, namorido, sussexo, batatalhau, coponheiro, crionça, burocracia, chafé, showmício, traficrente, craquético, apertamento, anãofabeto, caligrafeia, delegata, gestonta, chinegro.

Tanto no Brasil quanto em Portugal, o experimento foi realizado com estudantes universitários, na Universidade Federal de São Paulo e na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, respectivamente, numa sala de aula, e todos os informantes preencheram o questionário ao mesmo tempo. O questionário foi disponibilizado na plataforma do Google Forms e os falantes deveriam responder dissertativamente a cada uma das questões: O que significa *pistralhadora*?; O que significa *tradizer*? etc. A recolha demorou cerca de 30 minutos.

Houve 20 respostas para o primeiro grupo de falantes do PE e 19 respostas para o segundo grupo. Por sua vez, houve 35 respostas para o primeiro grupo dos falantes do PB e 41 respostas para o segundo grupo de falantes do PB.

As respostas foram codificadas em cinco categorias e receberam um número referente à categoria:

1. Para respostas que mencionavam a primeira base do *blend*.
2. Para respostas que mencionavam a segunda base do *blend*.
3. Para respostas que mencionavam as duas bases do *blend*.
4. Para respostas que não mencionavam nenhuma das bases do *blend*.
5. Para aqueles que respondiam que não sabiam, ou que não respondiam.

Para este artigo, tomamos apenas as respostas codificadas com 1, 2 e 3 para cada um do *blends* e calculamos as médias das respostas para o PE e para o PB, de acordo com o número de falantes que responderam. Procurávamos saber se os falantes teriam a mesma intuição que encontramos nas descrições dos *blends* na literatura. Por exemplo, o *blend* *namorido*, na literatura especializada é descrito como a junção de < *namorado* + *marido* >. Desse modo, nosso questionamento era se essa também seria a intuição da maioria dos falantes. O resultado foi bastante diverso. Para exemplificar, podemos citar o próprio caso de *namorido*, que apresentou as seguintes respostas dos falantes de PE a partir da pergunta “O que significa *namorido*?”: 1. uma espécie de namoro; 2. um namorado quase em nível de marido; 3. um namoro em fase inicial; 4. um namorado que vai ser

marido; 5. um casal que esteja há muito tempo junto; 6. namorar com o marido; 7. namoro de aldeia¹⁰ etc.

No que diz respeito ao conteúdo das interpretações, houve muita variedade, mas também houve consistência entre as respostas dos falantes do PE e PB. Dentre as respostas do falantes do PE, houve *blends* como, por exemplo, *gestonta*, interpretado como < *gestante* + *tonta* >, e que não tiveram nenhuma resposta com a interpretação de ambas as bases, além de ter aparecido respostas como: *gestora tonta*, *gestor tonto*, *má gestão*. Ou seja, os falantes do PE relacionaram o *clip ges* com *gestor/gestora* e não com *gestante*, o que se compreende melhor pelo fato de *gestante* não ser uma palavra usada – no PE, o termo equivalente é *grávida*.

Nossa hipótese, antes de aplicar o teste *off-line* aos falantes do PB era de que as respostas dos falantes do PB seriam mais parecidas com os significados dos *blends* descritos na literatura. No entanto, algumas interpretações se assemelharam às interpretações dos falantes do PE. O mesmo exemplo de *gestonta* também recebeu interpretações como: *gesto com tonta*, *gestora*, *gestão ruim*, *gestora tonta*, *um gestor tonto*, *gestão tonta* etc., pelos falantes do PB. Ou seja, apesar de os falantes do PB conhecerem e usarem a palavra *gestante*, eles, assim como os falantes de PE, também interpretavam o *clip ges* tendo uma relação típica com *gestor/gestora/gestão*.

A partir da codificação das respostas, pudemos perceber algumas relações semânticas que os falantes estabeleciam, por exemplo: 1. qual era e se havia um núcleo nesses *blends* para a maior parte dos falantes? e 2. qual base era mais interpretada, a primeira, a segunda ou ambas? Para responder a essas duas questões, classificamos os *blends* de acordo com a estrutura que eles apresentavam, isto é, o *blend* poderia ter uma estrutura PC (i.e., palavra, *clip*) como em *coponheiro*, CP (i.e., *clip*, palavra) como em *emprestado* e CC (i.e., *clip*, *clip*) como em *namorado*, e os falantes poderiam mencionar a primeira base (1B), a segunda base (2B) ou as duas bases (3B). A seguir, reproduzimos a tabela com as médias para cada palavra em porcentagem no PB e no PE.

Tabela 1 – Médias das respostas do experimento *off-line*

Item	Estrutura	3B PB	3B PE	1B PB	1B PE	2B PB	2B PE
<i>emprestado</i>	CP	29	45	54	40	6	0
<i>bótimo</i>	CP	63	40	6	15	26	10
<i>agradádiva</i>	CP	51	55	31	30	3	0
<i>impastor</i>	CP	37	25	6	10	37	40
<i>maravitop</i>	CP	51	50	31	20	0	5
<i>analfabro</i>	CP	54	55	29	15	0	5
<i>sussexo</i>	CP	34	32	27	26	34	11
<i>crionça</i>	CP	7	16	88	58	3	11

(continua)

¹⁰ Esses significados são transcrições das respostas dos questionários.

Tabela 1 – Médias das respostas do experimento *off-line* (conclusão)

Item	Estrutura	3B PB	3B PE	1B PB	1B PE	2B PB	2B PE
<i>traficrente</i>	CP	46	50	34	25	3	15
<i>caligrafeia</i>	CP	51	75	11	10	34	10
<i>delegata</i>	CP	29	25	60	50	3	0
<i>gestonta</i>	CP	40	5	9	0	34	30
<i>chinegro</i>	CP	61	68	5	16	12	11
<i>cansástico</i>	CC	46	40	43	45	3	0
<i>franglês</i>	CC	71	75	11	10	9	0
<i>portunhol</i>	CC	83	89	5	0	7	5
<i>brasiguaio</i>	CC	74	45	20	30	3	5
<i>fabulástico</i>	CC	51	60	17	20	17	10
<i>pilantropia</i>	CC	31	5	20	5	29	15
<i>namorido</i>	CC	51	55	43	15	0	5
<i>apertamento</i>	CC	43	50	6	35	46	5
<i>gayroto</i>	PC	32	26	12	32	44	21
<i>boadrasta</i>	PC	74	58	7	5	24	15
<i>tristemunho</i>	PC	80	75	6	15	11	10
<i>batatalhau</i>	PC	78	74	2	0	10	5
<i>coponheiro</i>	PC	24	47	10	26	44	21
<i>burrocracia</i>	PC	17	16	7	16	41	32
<i>chafé</i>	PC	34	58	7	21	51	5
<i>showmício</i>	PC	41	11	15	11	29	11
<i>craquético</i>	PC	0	0	20	0	5	21
<i>anãofabeto</i>	PC	37	47	7	16	37	21

Fonte: Elaborada pelo autores.

Também calculamos as médias de acertos para cada uma das estruturas (CP, CC e PC) e de acordo com a menção da primeira base (1B), da segunda base (2B), ou das duas bases (3B).

Ao observarmos a Tabela 2, vemos que as médias mostram que, no total, os falantes conseguem reconhecer mais a primeira palavra do *blend* (1B) (66% das respostas) e que reconhecem mais a primeira palavra do *blend* em estruturas do tipo CC (74%), ou seja, na estrutura em que nenhuma das palavras está visível.

Tabela 2 – Resultados do teste *off-line* por tipo de *blend*

Tipo de acerto PE e PB	PC	CP	CC	Total
3B	42%	43%	54%	46%
1B	53%	70%	74%	66%
2B	63%	56%	64%	61%

Fonte: Elaborada pelos autores.

As médias também mostram maior porcentagem de respostas que mencionaram as duas palavras (3B) em estruturas do tipo CC (54%), contra 43% para CP e 42% para PC.

Tomando o tipo de estrutura dos *blends* testados, mais falantes reconheceram a segunda palavra (2B) em estruturas do tipo PC, em que a primeira base é visível (63%). A hipótese preliminar era de que nas estruturas em que a primeira base é visível, mais falantes a mencionariam, no entanto, apenas 53% a mencionaram. Já nas estruturas CP, em que a segunda base do *blend* é visível, 70% das respostas mencionaram a 1B, ou seja, mencionaram menos a palavra visível (56%) e mais a palavra truncada, ou *clip*. Por fim, a estrutura CC, em que nenhuma das palavras base está visível, favoreceu a resposta 1B (74%). Em suma, quando temos um *blend* como *namorado*, os falantes citam mais a primeira palavra do *blend* (i.e., *namorado*) e menos a segunda palavra (i.e., *marido*).

Curiosamente, no caso de *namorado*, nenhum falante do PB mencionou a segunda base do *blend* (i.e., *marido*) isoladamente (0%). Quando a palavra *marido* foi citada nas respostas do PB, ela acompanhava a primeira palavra (i.e., *namorado*), como podemos conferir na Tabela 2. O mesmo aconteceu com os *blends* *maravitos* e *analfabrito* para o PB e com os *blends* *emprestado*, *cansástico*, *franglês*, *agradádiva* e *delegata* para o PE. Mesmo quando a segunda palavra do *blend* era visível, ela foi não mencionada isoladamente na resposta.

Na próxima seção, vamos descrever o *design* do experimento de decisão lexical e apresentar a análise dos dados encontrados.

O EXPERIMENTO DE DECISÃO LEXICAL

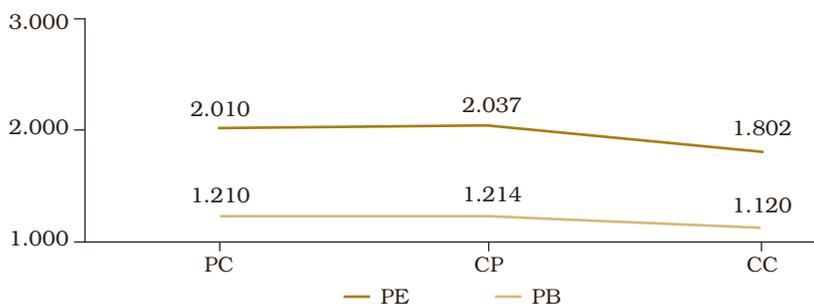
Segundo Pinto (2017, p. 53), “a decisão lexical é uma tarefa experimental amplamente utilizada em estudos psicolinguísticos”. Nessa tarefa, ainda segundo a autora, “os participantes têm de produzir um juízo sobre uma combinação de letras, reconhecendo-a como uma palavra, ou não, tão depressa e acertadamente quanto possível” (PINTO, 2017, p. 53). O teste de decisão lexical simples consistia em apresentar a palavra em uma tela de computador e o falante deveria responder sim ou não para uma pergunta. Trata-se de um experimento *on-line*, uma vez que os dados do processamento são obtidos em tempo real, ou seja, quando eles ocorrem efetivamente.

A prova de decisão lexical foi construída através do *software* PsychoPy na versão 3.0.6. O PsychoPy é um pacote de *software* de código aberto, escrito na linguagem de programação Python, com o propósito de gerar experimentos para neurociência e psicologia experimental, além de ser muito utilizado para experimentos em psicolinguística.

A prova iniciava-se com oito itens de treino, sendo quatro blends e quatro distratores, que consistiam em não palavras no português e que tinham por função impedir que os sujeitos identificassem o objetivo do teste. Algumas instruções sobre como se portar no experimento apareciam na tela, assim como a pergunta do teste e as instruções de como responder. Na instrução que os sujeitos recebiam estava escrito: “Se você acha que essa é uma palavra possível no português, tecle S. Se você acha que essa não é uma palavra possível no português tecle L”. Essa pergunta foi adaptada considerando os falantes do português europeu e do português do Brasil.

Foram testadas 80 palavras, sendo 40 *blends* e 40 distratores. Assim como no treino, os distratores eram não palavras do português. A prova foi realizada com 24 falantes de PE e 25 falantes de PB. A análise dos dados, por sua vez, foi efetuada por meio do *software* SPSS, versão 22, e aplicamos um teste-t. Em seguida, trazemos alguns resultados obtidos no experimento.

Gráfico 1 – Médias do teste de decisão lexical para o PE e o PB



Fonte: Elaborado pelos autores.

O Gráfico 1 mostra que os resultados de PE e PB são sistematicamente diferentes. Em ambos os casos, os *blends* que não contêm bases aparentes (CC) têm valores médios de tempo de leitura mais baixos. Os *blends* com estrutura PC e CP exibem valores semelhantes, para o PE (2.010) e (2.037) respectivamente e, para o PB (1.210) e (1.214) respectivamente. O contraste entre os valores para os *blends* com estruturas PC e CC é estatisticamente significativo tanto para o PE quanto para o PB ($p = 0,016$ PE e $p = 0,018$ PB), e o mesmo ocorre entre os *blends* CP e CC ($p = 0,003$ PE e $p = 0,007$ PB).

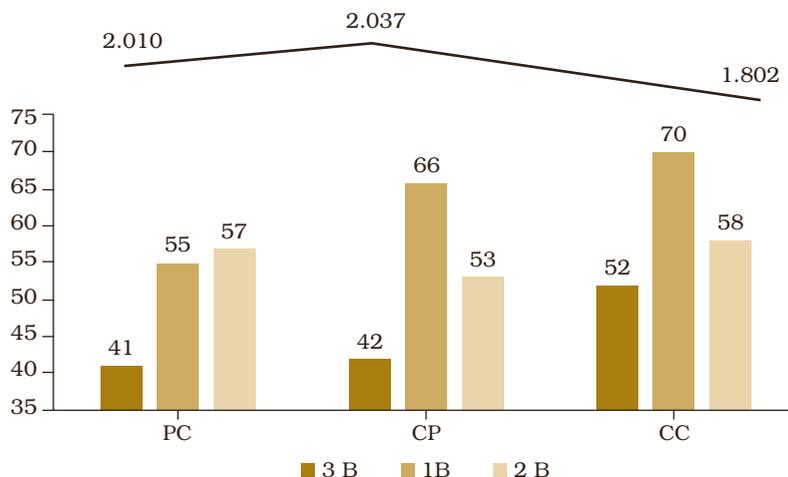
Uma comparação entre os resultados do teste de decisão lexical para os *blends* e as medidas encontradas em outros experimentos realizados, tendo como foco as palavras simples e derivadas, mostra que PE e PB se comportam de maneira diferente. Para o PE, o tempo de reação para os *blends* é consideravelmente maior do que para palavras simples (quase o dobro). Enquanto o tempo de processamento para os *blends* varia entre 1.802 ms e 2.037 ms (médias), Pinto (2017) apresenta um tempo de reação de 978 ms para uma palavra simples como *caneta* e 889 ms para palavras derivadas lexicalizadas, como *solteiro*.

Os tempos de reação encontrados para os *blends* ao testar os falantes de PE sugerem que alguns termos já podem ser considerados lexicalizados. É o caso de *portunhol* < *português* + *espanhol* >, pois sua média de tempo de reação (1.205 ms) é muito diferente da média de tempo de reação dos demais *blends* testados,

aproximando-se das médias de palavras simples e palavras derivadas lexicalizadas. Segundo Pinto (2017, p. 154), palavras derivadas lexicalizadas com alomorfia do sufixo (PDL ~ base) como, por exemplo, *luxuoso* e *afetuoso*, apresentaram uma média de tempo de reação de 1.008 ms. Além de *portunhol*, outros dois termos também podem estar lexicalizados, uma vez que houve uma diferença significativa no teste estatístico desses *blends* em comparação com os demais: *fabulástico* < *fabuloso* + *fantástico* >, com média de 1.467 ms, e *franglês* < *francês* + *inglês* >, com média de 1.573 ms.

Para o PB, as médias de tempo de reação para os *blends* parecem estar mais próximas das médias para palavras derivadas. Enquanto para os *blends* temos uma média que varia entre 1.120 ms e 1.214 ms, Ferrari Neto e Dias (2014) trazem um tempo de reação de 1.240 ms para as palavras derivadas.

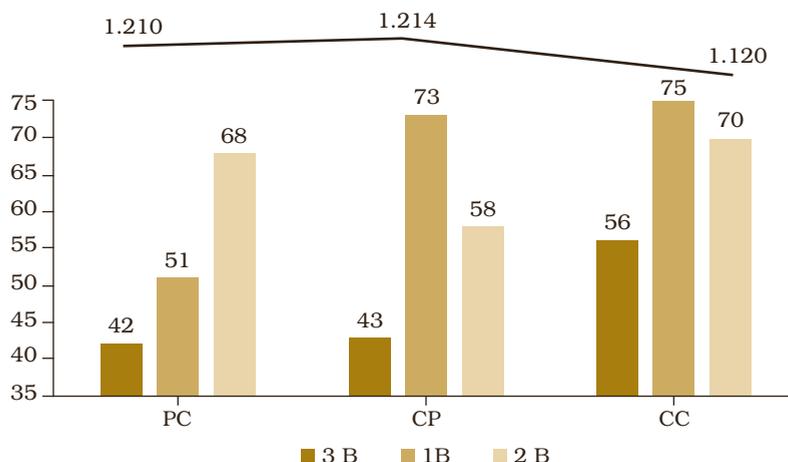
Gráfico 2 – Médias dos testes *off-line* e decisão lexical para o PE



Fonte: Elaborado pelos autores.

O Gráfico 2 faz uma junção da porcentagem de acerto no teste *off-line* com os falantes do PE e as médias dos tempos de reação no experimento de decisão lexical. Podemos observar que a porcentagem de acertos dos *blends* com estruturas CC é sempre maior que os acertos de qualquer outra estrutura (PC ou CP) e o tempo de reação é significativamente menor com a estrutura CC em relação às outras estruturas. Desse modo, podemos dizer que os resultados são semelhantes nos dois testes. Portanto, nossa hipótese de que os *blends* com bases aparentes seriam mais facilmente interpretados não se sustenta, uma vez que ocorreu o oposto: o *blend* é mais facilmente interpretado quando não apresenta nenhuma palavra base aparente/visível.

O mesmo resultado ocorreu com os dados do PB, que podem ser observados no Gráfico 3. Os testes realizados com os falantes de PB também mostraram tempos de reação significativamente menores com a estrutura CC no teste de decisão lexical e a estrutura CC foi mais facilmente interpretada pelos falantes no teste *off-line*.

Gráfico 3 – Médias dos testes *off-line* e decisão lexical para o PB

Fonte: Elaborado pelos autores.

É importante ressaltarmos que a condição experimental que testava as categorias das bases não mostrou resultados significativos na análise estatística, assim como a condição experimental que levava em consideração a variedade de origem dos *blends*.

Ainda, para finalizar, sugerimos que o contraste entre os tempos de reação de PE e PB (as médias nos tempos de reação dos falantes de PE e PB são muito diferentes, sendo a média dos primeiros o dobro da média dos segundos) está provavelmente ligado ao fato de que os *blends* são mais frequentes em PB do que PE. A menor frequência de *blends* em PE, por outro lado, deve estar relacionada a uma condição fonética básica (alçamento das vogais não acentuadas) que não ocorre em PB.

CONCLUSÃO

À guisa de conclusão, verificamos que os resultados do teste de decisão lexical são consistentes com os resultados do teste *off-line*: os *blends* com estrutura CC são mais fáceis de decodificar semanticamente e são mais fáceis de processar. A existência de sobreposição de uma das bases nos *blends* (cf. PC: *tristemunho* < *triste* + *testemunho* >; CW: *emprestado* < *emprestado* + *dado* >) prejudica o processamento.

Também pudemos verificar nos testes que a estrutura PC, em que a primeira base está aparente, não facilita a decodificação da 1B tanto nos dados do PE (1B 55%, 2B 57%) quanto nos dados do PB (1B 51% e 2B 68%). Do mesmo modo, a estrutura CP, em que a segunda base está aparente, não favorece o reconhecimento da segunda base pelos falantes tanto em PE (1B 66% e 2B 53%) quanto em PB (1B 73% e 2B 58%).

Essas observações contrariam a nossa intuição inicial, parecendo sugerir que o processamento lexical é sensível à expectativa criada pelo surgimento de uma forma reconhecível. Se a palavra *triste*, por exemplo, é identificada, mas ela ocorre integrada numa forma mais extensa (i.e., *tristemunho*), então a identificação dessa forma não facilita o processamento.

RECOGNITION AND LEXICAL ACCESS OF BLENDS IN EUROPEAN AND BRAZILIAN PORTUGUESE

Abstract: The main goal of this research is to analyze the structure of blends. In order to attain a better understanding of this phenomenon, we conducted both offline and online lexical decision task experiments with European Portuguese (EP) and Brazilian Portuguese (BP) speakers. As the main condition for the experiment, we took three types of structure (*word clip*, *clip word*, and *clip clip*), with the preliminary hypothesis being that the blends with a recognizable (i.e., visible) word would be more easily processed. The online test results, however, revealed that structures of the type *clip clip*, found on blends such as *namorido* ([*namor*]ado “boyfriend” + *mar[ido]* “husband”) and *portunhol* ([*portu*]guês “Portuguese” + *espa[nhol]* “Spanish”) are processed more easily.

Keywords: Blends. Lexical decision. Experimental morphology. Psycholinguistics. Processing.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, K. E. *Uma análise otimalista unificada para mesclas lexicais do português do Brasil*. 2008. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- ARAÚJO, G. A. Morfologia não-concatenativa em português: os *portmanteaux*. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 39, p. 5-21, jul./dez. 2000.
- FERRARI NETO, J.; DIAS, A. D. Processamento de palavras formadas com bases presas no português brasileiro: um efeito de *priming* morfológico. *Revista Veredas*, v. 18, n. 2, p. 20-31, 2014.
- GONÇALVES, C. A. V. Cruzamento vocabular em português: a questão das fronteiras com outros processos de criação de palavras. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABRALIN, 3., 2003, Niterói. *Anais [...]* Niterói: UFF, 2003a. v. 1, p. 824-831.
- GONÇALVES, C. A. V. *Blends* lexicais em português: não-concatenatividade e correspondência. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 7, n. 1-2, p. 149-167, 2003b.
- GONÇALVES, C. A. V. A ambimorfemia de cruzamentos vocabulares: uma abordagem por *ranking* de restrições. *Revista da Abralin*, v. 5, n. 1, p. 169-183, 2006.
- KUBOZONO, H. Syntactic and rhythmic effects on downstep in Japanese. *Phonology*, v. 6, n. 1, p. 39-67, 1989.
- MINUSSI, R. D.; NÓBREGA, V. A. A interface sintaxe-pragmática na formação de palavras: avaliando os pontos de acesso da Enciclopédia na arquitetura da gramática. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 18, n. 1, p. 161-184, 2014.
- PIÑEROS, C.-E. Word-blending as a case of non-concatenative morphology in Spanish. *Rutgers Optimality Archive*, 2000.
- PEREIRA, I. Cruzamento vocabular em português. In: RAINER, F.; RUSSO, M.; SÁNCHEZ MIRET, F. (éd.). *Actes du XXVII^e Congrès international de linguistique et de philologie romanes (Nancy, 15-20 juillet 2013)*. Section 3: Phonétique, phonologie, morphophonologie et morphologie. Nancy: ATILF/SLR, 2016. Disponível em: <http://www.atilf.fr/cilpr2013/actes/section-3/CILPR-2013-3-Pereira.pdf>. Acesso em: 27 set. 2018.

- PINTO, C. A. *O papel da estrutura morfológica nos processos de leitura de palavras*. 2017. Tese (Doutorado) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2017.
- RIO-TORTO, G. *Blending*, cruzamento ou fusão lexical em português: padrões estruturais e (dis)semelhanças com a composição. *Revista Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 7-29, jan./jun. 2014.
- SANDMANN, A. J. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1990.
- SANDMANN, A. J. *Morfologia geral*. São Paulo: Contexto, 1991.
- VILLALVA, A.; GONÇALVES, C. A. V. The phonology and morphology of word formation. In: WETZELS, J.; COSTA, J.; MENUZZI, S. (org.). *The Handbook of Portuguese Linguistics*. Oxford: Wiley Blackwell, 2016. v. 1, p. 167-187.